

O DESENVOLVIMENTO DOS VALES DA UVA GOETHE — SC: CONTRIBUIÇÕES DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

ORGANIZADORES

JULIO CESAR ZILLI

RICARDO PIERI

ADRIANA CARVALHO PINTO VIEIRA

MICHELE DOMINGOS SCHNEIDER

VOLMAR MADEIRA

**CRICIÚMA
UNESC
2019**

Editora da UNESC

Editor-Chefe: **Dimas de Oliveira Estevam**

Revisão Ortográfica e Gramatical: **Editora Dois por Quatro**

Projeto gráfico, diagramação e capa: **Victor Felipe Buratto Machado,**
Sob a coordenação da Editora da UNESC

Imagens de capa: **Henry Goulart**



As ideias, imagens e demais informações apresentadas nesta obra são de inteira responsabilidade de seus(uas) autores(as) e de seus(uas) organizadores(as).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

D451 O desenvolvimento dos Vales da Uva Goethe – SC [recurso eletrônico] : contribuições da extensão universitária / Júlio Cesar Zilli ... [et al.] organizadores. – Criciúma, SC : UNESC, 2019.
173 p. : il.

Modo de acesso: <<http://www.unesc.net/portal/capa/index/300/5886/>>.

DOI: [dx.doi.org/10.18616/Goethe](https://doi.org/10.18616/Goethe).

ISBN: 978-85-8410-104-7

1. Vales da Uva Goethe – Santa Catarina (SC). 2. Indicação geográfica. 3. Planejamento regional. 4. Vinícolas – Aspectos econômicos. 5. Empresas familiares. 6. Empreendedorismo. 7. Plano de negócios. 8. Extensão universitária. I. Título.

CDD – 22.ed. 338.98164

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla – CRB 14/1101

Biblioteca Central Prof. Eurico Back – UNESC

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada ou transmitida por qualquer meio ou forma sem prévia permissão por escrito da Editora da Unesc.



DOI: [DX.DOI.ORG/10.18616/GOETHE01](https://dx.doi.org/10.18616/GOETHE01)

VALES DA UVA GOETHE E A SUCESSÃO FAMILIAR NAS VITIVINICÓLAS

Zeli Felisberto (Unesc) | *email: zeli.eu@gmail.com*

Adriana Carvalho Pinto Vieira (PPGDS/Unesc) | *email: dricpvieira@gmail.com*

Ricardo Pieri (Unesc) | *email: rpi@unesc.net*

Julio Cesar Zilli (Unesc) | *email: zilli42@hotmail.com*

Kelly Lissandra Bruch (Cepan/UFRGS) | *email: kellybruch@gmail.com*

INTRODUÇÃO

[VOLTAR AO SUMÁRIO](#)

A agricultura familiar no Brasil é bastante diversificada, desde os agricultores cuja atividade é de subsistência até os inseridos no agronegócio. A diferenciação desses agricultores está associada à formação de grupos ao longo da história, ou seja, de heranças culturais variadas; à inserção dos grupos nos recursos naturais e ao capital humano e social; às diferentes paisagens agrárias que possuem suas particularidades e criam oportunidades no movimento da economia como um todo. No entanto, possuem um traço em comum: a utilização da mão de obra familiar, conforme análise de Souza Filho *et al.* (2007).

Nas palavras de Souza Filho *et al.* (2007), os autores ponderam que a agricultura familiar não pode ser caracterizada como um setor atrasado do ponto de vista econômico, tecnológico e social, voltada simplesmente para produção básica de alimentos sob a lógica de produção de subsistência. Esse fato pode ser observado pelo estudo de caso do presente capítulo, uma vez que as vinícolas que integram a Associação ProGoethe e que, desde 2012,

possuem o registro da primeira indicação geográfica¹ de Santa Catarina, a produção de uva e vinho na região é realizada por agricultores familiares e empresas familiares agrícolas.

Esse fato pode ser percebido, se observa que a vitivinicultura é uma atividade tradicional em diversas regiões brasileiras, com destaque para a região sul de Santa Catarina. E nesta visão, as autoras Vieira, Watanabe e Bruch (2012a), apontam que a região de Urussanga está intimamente ligada à cultura e tradição na produção da uva e vinho Goethe (*savoir faire* ou fator humano), apresentando solos e condições climáticas distintas (fatores naturais). Com o reconhecimento da indicação de procedência, criou-se um “clima” favorável ao enoturismo, e diante desse cenário, o governo de Santa Catarina reconheceu a importância dos “Vales da Uva Goethe”, como território único em Santa Catarina, reforçando o pedido da Indicação de Procedência junto ao Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI).

Conforme apontado por Vieira, Watanabe e Bruch (2012a), a viticultura é atividade tradicional em nove regiões brasileiras. Como zonas de viticultura temperada, destacam-se as regiões da Fronteira, Serra do Sudeste, Serra Gaúcha, Campos de Cima da Serra e regiões Central e Norte do estado do Rio Grande do Sul; as regiões do Vale do Rio do Peixe, Planalto Serrano e Planalto Norte e Carbonífera, no estado de Santa Catarina; a região Sudeste do estado de São Paulo e, a região Sul do estado de Minas Gerais. A região Norte do Paraná é tipicamente subtropical e as regiões Noroeste do estado de São Paulo, Norte de Minas Gerais e Vale do Sub-Médio São Francisco (Pernambuco e Bahia) caracterizam-se como zonas tropicais, com sistemas de manejo adaptado às suas condições ambientais específicas. João *et al.* (2013) afirma que, no cenário brasileiro, o estado do Rio Grande do Sul se destaca como o maior produtor de uvas no Brasil, responsável por aproximadamente 90% da produção e comercialização de vinhos e sucos. Conforme representado na tabela 1 e por Vieira, Watanabe e Bruch (2012b), Santa Catarina tem reconhecimento nacional

¹ A Indicação Geográfica (IG) é signo distintivo que permite que determinado lugar seja reconhecido ou pelos produtos e serviços que ali são produzidos ou prestados, como também pela qualidade destes produtos, qual se devam exclusivamente àquele lugar. Segundo a legislação brasileira ela é classificada em Indicação de Procedência (IP) e Denominação de Origem (DO). Os Vales da Uva Goethe recebeu o registro de uma indicação de procedência.

e internacional pela qualidade dos vinhos finos que produz. E, segundo a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), o impulso dado pelas pesquisas e por investimentos pioneiros construiu um segmento econômico promissor para o estado.

Tabela 1 – Produção de uvas no Brasil, em toneladas (2007-2010).

ESTADO/ANO	2007	2008	2009	2010
Pernambuco	170.326	162.977	158.515	168.225
Bahia	120.654	101.787	90.508	78.283
Minas Gerais	11.995	13.711	11.773	10.590
São Paulo	193.023	184.930	177.934	177.538
Paraná	99.180	101.500	102.080	101.900
Santa Catarina	54.554	58.330	67.546	66.214
Rio Grande do Sul	705.228	776.027	737.363	692.692
Brasil	1.354.960	1.399.262	1.345.719	1.295.442

Fonte: Mello (2011, p. 2).

Portanto, a concessão da Indicação de Procedência nos Vales da Uva Goethe é uma opção para que a agricultura familiar e as empresas familiares agrícolas promovam o desenvolvimento local e regional, através de uma nova geração de vinhos e espumantes de uva Goethe de qualidade no mercado. E, como objeto do presente estudo, conseqüentemente, pode ser considerado um incentivo, que irá permitir a permanência dos sucessores das vinícolas atuais, haja vista que a obtenção da IG tem como fim ampliar mercados, agregar valor aos produtos, gerar mais empregos, movimentando a economia local (VIEIRA, WATANABE E BRUCH, 2012b).

Para o presente estudo, o procedimento metodológico utilizado pode ser caracterizado como pesquisa qualitativa e descritiva, visto que permite ao pesquisador se aproximar da vivência social do grupo em estudo, entendendo como a construção desta realidade se processou e como naquele contexto se movimenta (SHAW, 1999). Quanto aos meios de investigação, classifica-se como bibliográfica e de estudo de caso, uma vez que as investigações tiveram como fontes secundárias artigos científicos (nacionais e estrangeiros), teses, dissertações, livros e sites.

O presente estudo tem por objetivo compreender o panorama do processo de sucessão familiar das vinícolas associadas à ProGoethe,

situadas na região delimitada pela Indicação de Procedência dos Vales da Uva Goethe. Para chegar a esse objetivo, no primeiro momento, será realizada a análise de conceitos da agricultura familiar e empresa familiar. Posteriormente, contextualiza-se a região delimitada pela Indicação de Procedência dos Vales da Uva Goethe (IPVUG), a situação familiar das vinícolas associadas à ProGoethe e seu possível processo sucessório e, por fim, as considerações finais.

AGRICULTURA FAMILIAR

Na agricultura, como atividade econômica, as relações familiares são de suma importância dentro do contexto produtivo. Analisando historicamente, a maioria dos agricultores contemporâneos continua a atividade de seus pais. Nos países capitalistas, a gestão e o patrimônio agrícola vêm, fundamentalmente, da família (SILVESTRO *et al.* 2001).

Conforme apontam Fornazier e Vieira Filho (2012), a agropecuária brasileira é profundamente heterogênea em todos os aspectos, e o acesso à tecnologia e a difusão dos novos conhecimentos e técnicas se dá de forma assimétrica entre regiões, produtores e até sistemas. Diante do cenário apresentado, não se pode afirmar que é um setor atrasado.

Para Souza Filho *et al.* (2007, p. 22):

Na visão romântica, os agricultores familiares o são por tradição e opção, e não por imposição. A hipótese de que não buscam a maximização do lucro e sim um conjunto de outros objetivos que incluem desde a preservação do patrimônio para as gerações futuras até a geração de ocupação para os membros da família é tomada como paradigma de uma racionalidade econômica própria, e não como o resultado de restrições reais enfrentadas no passado e no presente.

Dentro desse contexto, eleva-se o fato de que o universo dessa categoria está composto de interesses particulares com estratégias próprias de sobrevivência e também de produção. Cada agricultor reage de maneira diferenciada quanto aos desafios e oportunidades. Diferenciam-se não

apenas a disponibilidade de recursos e a geração de renda, mas também a capacitação/aprendizado e outras variáveis, desde a localização até as particularidades do meio no qual estão inseridos (BUAINAIN *et al.* 2006).

Para Guanzioli (2013, p. 103), há diversas subcategorias embutidas no conceito genérico de agricultura familiar:

A diferenciação dos agricultores familiares está associada à própria formação dos grupos ao longo da história, a heranças culturais variadas, à experiência profissional e de vida particulares, ao acesso e à disponibilidade diferenciada de um conjunto de fatores, entre os quais os recursos naturais, o capital humano e o capital social e assim por diante. A diferenciação também está associada à inserção dos grupos em paisagens agrárias muito diferentes uma das outras, ao acesso diferenciado aos mercados e à inserção socioeconômica dos produtores, que resultam tanto das condições particulares dos vários grupos como de oportunidades criadas pelo movimento da economia como um todo, pelas políticas públicas.

O autor conclui que a precondição básica para ser considerado familiar não é o tamanho da área, mas a relação social que estrutura a unidade familiar, a qual deve ser baseada no trabalho majoritariamente familiar e com a direção do estabelecimento exercida pelo produtor (GUANZIROLI, 2013).

A atividade pode integrar as cadeias agroindustriais, em alguns casos pode constituir-se na base principal da dinamização de subsistemas agroindustriais existentes, ou mesmo na criação de novos, por exemplo, em nichos de mercado ou canais alternativos de comercialização (BUAINAIN, 2006).

EMPRESA FAMILIAR

A empresa familiar tanto no Brasil quanto no cenário global tem grande expressão. Nos Estados Unidos, por exemplo, geravam, em 1997, metade do Produto Interno Bruto (PIB), sendo que na Europa elas

dominam o seguimento das grandes empresas. Já no Brasil é necessária uma análise histórica, principalmente a questão da imigração que se instalou aqui. Oriundos, em sua maioria, do continente europeu, fundaram suas empresas baseadas num modelo societário e em estruturas familiares (MACEDO, 2009).

Grandes indústrias nacionais nasceram no âmbito da família, muitas se transformaram em empresas mundiais, mas a maioria está constituída, atualmente, por micro e pequenas empresas. Elas geram um grande volume de empregos, além dos impostos que beneficiam os cofres públicos e a renda que geram para o Produto Interno Bruto (PIB) (MACEDO, 2009).

A concorrência, a globalização, a profissionalização são fatores que acarretam maior complexidade para a escolha no processo de gestão das empresas familiares e não familiares. O esclarecimento, a transparência em tudo que é decidido dentro da empresa, se torna essencial no cenário atual de competitividade e concorrência. Numa empresa familiar, para manter a perpetuidade é necessário um planejamento das ações no processo de mudança de gestão. Não contam apenas os aspectos patrimoniais, mas também aspectos familiares, emocionais e conflitos de liderança e poder (BERNHOEFT, 2003).

A empresa familiar é caracterizada por sua propriedade pertencer a uma ou mais famílias independente da sua natureza jurídica. A sucessão da sua diretoria está ligada diretamente ao fator hereditário (BILIBIO, 2009).

Quando analisado o panorama nacional das empresas familiares, Bilibio (2009) destaca que 95% das empresas nacionais são familiares, e em sua maioria estão na segunda geração. No presente estudo, verificando as vinícolas em questão, 100% delas são empresas familiares.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

CONTEXTUALIZANDO OS VALES DA UVA GOETHE

As primeiras videiras introduzidas no Brasil foram trazidas por colonizadores portugueses em 1532, na Capitania de São Vicente, atual estado de São Paulo, por Martin Afonso de Souza. A vitivinicultura expandiu-se para outras regiões do país com as cultivares *Vitis Vinífera* oriundas de Portugal e Espanha. Com a importação de uvas americanas, procedentes da América do Norte, nas primeiras décadas do século XIX, vieram as doenças fúngicas que levaram a vitivinicultura colonial à decadência (PROTAS; CAMARGO; MELO, 2002).

A base do desenvolvimento comercial nos estados do Rio Grande do Sul e de São Paulo se deu pela cultivar Isabel. Nos anos seguintes, no século XX, o panorama mudou e a Isabel foi substituída pela Niágara e pela Seibel. No Rio Grande do Sul, o cultivo das castas viníferas foi por meio de estímulos governamentais, e se expandiu por outras regiões do Sul e Sudeste do país com características de zonas com período hibernar definido e com destaque de americanas e híbridas. Mas foi na década de 1960 que a vitivinicultura tropical foi efetivamente desenvolvida no Brasil. Nos anos de 1970, surgiu o polo do norte do Paraná e, em 1980, desenvolveu-se nas regiões do nordeste de São Paulo e de Pirapora no Norte de Minas, voltadas para a produção de uvas finas e consumo *in natura*. Atualmente, as regiões do Centro-Oeste e Nordeste são as iniciativas mais recentes (PROTAS; CAMARGO; MELO, 2002).

A variedade Goethe foi criada nos Estados Unidos, em Salem, Massachussets, quando Edward Staniford Rogers estava realizando seu primeiro trabalho de hibridação e vitivinicultura. O nome é uma homenagem ao pensador alemão Johan Wolfgang Goethe. Conforme explicado por Velloso (2008), foram plantadas as primeiras videiras da variedade Goethe no vale do Rio Carvão. Em seguida, foram cultivadas em Rancho dos Bugres, onde era produzida pelas famílias das colônias de Azambuja (Pedras Grandes) e Urussanga, inicialmente para o consumo local.

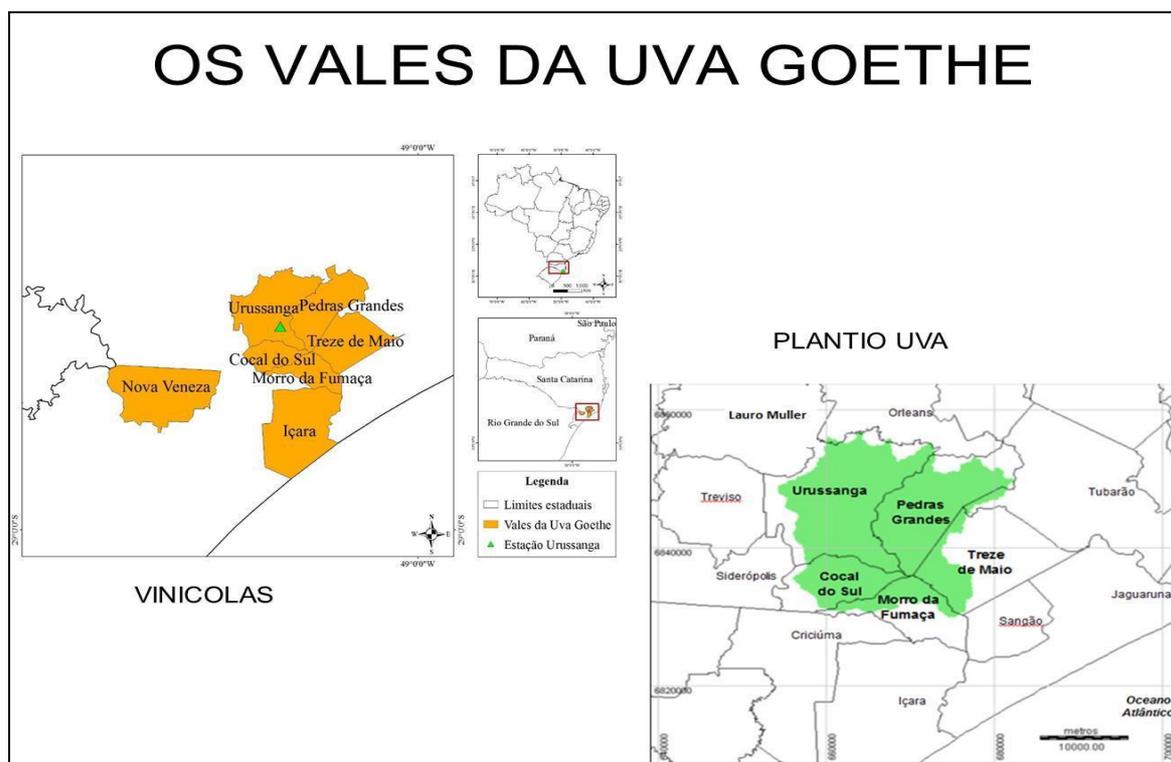
A uva Goethe teve boa adaptação às condições climáticas e o vinho elaborado apresentava características peculiares. Devido o sucesso dos vinhos brancos de Urussanga, em 1945, um dos seus maiores apreciadores, o presidente Getúlio Vargas autorizou a instalação de uma estação de enologia na cidade, que atualmente sedia a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri).

Decorrente da cultura e da tradição no cultivo desta uva, no ano de 2005, inicia-se o movimento para o reconhecimento do vinho branco criando-se a Associação de Produtores da Uva e Vinho Goethe, denominada de ProGoethe, (VIEIRA; WATANABE; BRUCH, 2012a).

Com o objetivo de maior visibilidade do produto, a ProGoethe, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Sebrae solicitaram o pedido de reconhecimento de Indicação Geográfica (IG) dos vinhos dos Vales da Uva Goethe perante o INPI, em 2010 na espécie de Indicação de Procedência. O signo nominativo foi reconhecido em 14 de fevereiro de 2012 (VIEIRA; WATANABE; BRUCH, 2012a). Esta conquista foi a primeira IG de Santa Catarina.

A área delimitada está localizada entre as encostas da Serra Geral e o litoral sul catarinense nas Bacias do Rio Urussanga e Rio Tubarão, compreendendo os municípios de Urussanga, Pedras Grandes, Cocal do Sul, Morro da Fumaça, Treze de Maio, Orleans, Nova Veneza e Içara no Estado de Santa Catarina (figura 1), conforme estabelece o artigo 1º do Estatuto da ProGoethe. Os limites IPVUG determinam a área geográfica para a produção da uva Goethe, cujos vinhedos deverão estar instalados nas áreas delimitadas. Foi em razão desta limitação geográfica que se fez a escolha do nome “Vales”, compondo parte da história e da tradição e destacando-se como patrimônio cultural.

Figura 1 – Área delimitada dos municípios da IPVUG.



Fonte: Vieira; Garcia; Bruch (2013) com base em IBGE (2013a).

As vinícolas que participam desse processo são: Vigna Mazon, Vinícola Del Nonno, Vinícola De Noni, Vinícola Trevisol, Vinícola Quarezemim. Somando-se a eles também cultivam a uva e elaboram vinhos artesanais os seguintes associados: Rodolfo Della Bruna, Denner Quarezemin, Deivson Baldin, Raul Savio, Rafael Sorato, Márcio Scremin e Antônio de Lorenzi Cancelier (PROGOETHE, 2014).

AS EMPRESAS VINÍCOLAS ASSOCIADAS À PROGOETHE

As indicações geográficas são signos distintivos e têm sido usadas amplamente no mercado agroalimentar como proteção dos diferentes tipos de produtos. A partir desses signos, existem estratégias de diferenciação dos produtos no mercado como, por exemplo, a agregação de valor. No território brasileiro, atualmente têm-se reconhecidas 46 Indicações Geográficas, sendo 30 Indicações de Procedência e 8 Denominações de Origem nacionais (DO) e 8 DO estrangeiras. No setor vitivinícola, são 7

indicações geográficas (6 IP e 1 DO)² (INPI, 2014).

Atualmente, a Indicação de Procedência dos Vales da Uva Goethe (IPVUG) conta com a participação de cinco vinícolas, conforme apresentado na tabela 2.

Tabela 2 – Panorama das Vinícolas da IPVUG

VINÍCOLAS	TEMPO DE EXISTÊNCIA DA VINÍCOLA	ÁREA DE PRODUÇÃO DE UVA	CAPACIDADE DE PRODUÇÃO DO VINHO GOETHE	VINHOS PRODUZIDOS
Vinhos De Noni	Registrada em 2012	Compra de terceiros	Aproximadamente 5.000 litros/ano	Goethe, Bordô, Niágara, Moscato, Cabernet
Vinhos Trevisol	10 anos	3 hectares	Aproximadamente 5.000 litros/ano	
Mazon	Desde 1986 (26 anos)	4 hectares	Aproximadamente 30.000 litros/ano	Goethe, Niágara, Bordô, Merlot, Cabernet
Vinhos Quarezemin	10 anos registrada	1 hectare	25.000 litros/ano	Goethe e Bordô
Borgo Gava	8 anos	Compra de terceiros	Aproximadamente 3.000 garrafas/ano	Goethe, Bordô, Cabernet, Merlot, Moscatel
Vitivinícola Urussanga	Desde 1975 (37 anos)	8 hectares	Aproximadamente 80.000 litros/ano	Goethe, Cabernet, Merlot, Bordô, Isabel

Fonte: João et al. (2013) e dados de pesquisa de campo.

A mais recente é a Vinícola De Noni criada em 2012, por Vandionei De Noni com mão de obra familiar especialmente do filho Franklin De Noni (PROGOETHE, 2014).

A vinícola Mazon foi fundada em 1970 pelos irmãos Genésio e Jayme Mazon, que seguindo a tradição da linha materna da família no ramo da vitivinicultura teve por estratégia estimular a fruticultura na região, na qual predominava a fumicultura. Atualmente, é coordenada pela sucessora Patrícia Mazon e seu esposo (PROGOETHE, 2014).

As famílias Damian e Mariot, originárias da região de Vêneto, província de Belluno, Itália, estabeleceram-se em Urussanga em fins do século XIX. A Vitivinícola Urussanga foi fundada em 1975 pelo Sr. Hedy

² IP: Vale dos Vinhedos (2002); Vale do Submédio do São Francisco (2009); Pinto Bandeira (2010); Vales da Uva Goethe (2012); Altos Montes (2012) e Monte Belo (2013) DO: Vale dos Vinhedos (2012).

Damian, sobrinho de Pietro Damian, e conta com parreirais próprios. Hoje, Renato Mariot Damian, filho do Sr. Hedy e da Sra. Amália Mariot, é o administrador da empresa, que conta com a assessoria do filho, Matheus Damian, formando três gerações na administração (PROGOETHE, 2014).

A Vinícola Quarezemin teve sua fundação no ano de 2002, originária de Azambuja, Pedras Grandes; atualmente, sua estrutura principal está localizada no município de Içara. A gestão do empreendimento está sob a administração de Haroldo Quarezemin e suas filhas Beatriz e Camila Quarezemin.

A última vinícola registrada na ProGoethe é a Vinícola Trevisol. Localizada em Urussanga, tem a tradição de mais de 100 anos na produção de vinhos, atualmente sob a administração da quinta geração da família (VIEIRA; WATANABE; BRUCH, 2012b).

O que se pode inferir a partir da análise no presente capítulo é que as vinícolas possuem como característica em comum o perfil do negócio voltado para a gestão familiar e sob a administração com histórico de sucessão familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura familiar tem seus contrastes quanto a sua caracterização. Mas o que a caracteriza essencialmente é propriedade de origem familiar e a presença dos integrantes da família na administração do negócio. A sucessão familiar dentro da propriedade rural e da empresa familiar depende da preparação de gestão atual para as novas gerações.

A vitivinicultura brasileira foi inserida no país pelos imigrantes europeus e, no sul de Santa Catarina, a produção de vinhos é expressiva, realizada principalmente por agricultura familiar. O estado possui uma quantidade significativa de famílias no ramo da vitivinicultura, ficando em segundo lugar em nível nacional, um fator importante para o agronegócio.

Após a conquista da Indicação de Procedência nos Vales da Uva Goethe, houve a agregação de valor ao vinho e a toda cadeia ligada à IPVUG, e o vinho Goethe está se tornando, aos poucos, conhecido

nacional e internacionalmente. Ao analisar o histórico, as seis vinícolas são atreladas ao trabalho familiar como mão de obra principal. Ainda, considera-se que a uva Goethe é um símbolo de resistência daqueles que queriam ficar no campo, perpetuando a cultura local, o saber fazer. E com o registro da IPVUG há o fortalecimento desse sentimento, fazendo com que se torne um fator atrativo para a permanência e a continuidade do negócio no âmbito familiar.

A gestão é contínua na família por mais de duas gerações, o que leva a concluir que a concessão do registro da Indicação de Procedência será um incentivo para fortalecer esta cultura, alavancar os investimentos e dar continuidade à empresa familiar na região, com a expectativa dos filhos permanecerem no negócio, possibilitando um desenvolvimento sustentado para o fortalecimento da agricultura familiar empresarial.

REFERÊNCIAS

Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul - BRDE. Agência de Florianópolis. Gerência de Planejamento. **Vitivinicultura em Santa Catarina: situação atual e perspectivas**. Florianópolis: BRDE, 2005.

BARBOSA, C. **Propriedade Intelectual**: introdução à propriedade intelectual com informação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

BERNHOEFT, R. **Governança na empresa familiar**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

BILIBIO, C. **Planejamento estratégico na empresa agrícola familiar**. São Luiz-MA: EDUFM, 2009. 108 p.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Curso de propriedade intelectual & inovação no agronegócio**: módulo II, indicação geográfica/Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; organização Claire Marie Cerdan, Kelly Lissandra Bruch e Aparecido Lima da Silva, 2. ed – Brasília: MAPA, Florianópolis: SEaD/UFSC/Fapeu, 2010.

BUAINAIN, A. M. **Agricultura familiar, agroecológica e desenvolvimento sustentável**: questões para debate. Colaboração de Hildo Meirelles de Souza Filho. Brasília: IICA, 2006.

CARNEIRO, M. J. C.; CASTRO, E. G. (Organizadoras). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Manuad X, 2007.

FORNAZIER, A.; VIEIRA FILHO, J. E. R. Heterogeneidade estrutural no setor agropecuário brasileiro: evidências a partir do Censo Agropecuário de 2006. **Texto para Discussão n. 1.708**. Rio de Janeiro: IPEA, 2012. Disponível em: <http://agencia.ipea.gov.br/images/stories/PDFs/TDs/td_1708.pdf>. Acesso em: 5 mar 2014.

GUANZIROLI, C. Mercados viáveis para a inserção econômica dos agricultores familiares. *In: A pequena produção rural e as tendências do desenvolvimento agrário brasileiro: ganhar tempo é possível?* Brasília: CGEE, 2013. p. 101-132.

JOÃO, G. A.; VIEIRA, A. C. P.; SOUZA, I. R.; WATANABE, M. Análise do nível cooperativo das vinícolas participantes à associação ProGoethe situadas na região dos Vales da Uva Goethe. *In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural*, 2013, Belém. **Anais Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Brasília: Sober, 2013.

KRUCKEN, L. **Design e território: valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

MACEDO, J. de M. **Sucessão na empresa familiar: teoria e prática**. São Paulo: Nobel, 2009.

MAPA. **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**. 2014. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br>>. Acesso em: 3 jun. 2014.

MAPA. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Curso de Propriedade Intelectual e Inovação no Agronegócio: módulo II, Indicação Geográfica**. Brasília: MAPA, 2. ed., 2010. 376 p.

MELLO, L. M. R. de. **Viticultura brasileira: panorama 2010**. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho, 2011A. 4 p. (Embrapa Uva e Vinho. Comunicado Técnico, 111). Disponível em: <<http://www.cnpuv.embrapa.br/download.php?file=publica/comunicado/cot111.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

PROGOETHE, **Associação de produtores da uva e do vinho Goethe**. Disponível em: <<http://www.proGoethe.com.br/>>. Acesso em: 20 set. 2014.

PROTAS, J. F. da S.; CAMARGO, U. A.; MELLO, L. M. R. de. **A viticultura brasileira: realidade e perspectivas**. *In: SIMPÓSIO MINEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA*, 1., 2002, Andradas-MG. *Viticultura e Enologia: atualizando conceitos*. Caldas: EPAMIG, 2002. p. 17-32.

SILVESTRO, M. L. *et al.* **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri, Brasília: Nead/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

SHAW, E. A guide to the qualitative research process: evidence from a small firm study. **Qualitative Research: An International Journal**. v. 2., n. 2, 1999. p. 59-70.

SOUZA FILHO, H. M.; BUAINAIN, A. M.; GUANZIROLI, C.; BATALHA, M. O. **Agricultura familiar e inovação tecnológica no Brasil: características, desafios e obstáculos.** São Paulo: Unicamp, 2007.

VELLOSO, C. Q. **Indicação geográfica e desenvolvimento territorial sustentável: a atuação dos atores sociais nas dinâmicas de desenvolvimento territorial a partir da ligação do produto ao território (um estudo de caso em Urussanga-SC).** Dissertação (Mestrado) Centro de Ciências Agrárias/Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2008. 166 f.

VIEIRA, A. C. P.; WATANABE, M.; BRUCH, K. L. Perspectivas de desenvolvimento da vitivinicultura em face do reconhecimento de Indicação de Procedência Vales da Uva Goethe. **Geintec**, São Cristóvão-SE, 2012a.

VIEIRA, A. C. P.; WATANABE, M.; BRUCH, K. L. Perspective of socioeconomic development in the Valley of Goethe Grapes with the use of the geographic indication. *In: 35ème Congres Mondial du Vin et de la Vigne*, 2012, Izmir. 35ème Congres Mondial du Vin et de la Vigne. Paris-França: OIV, 2012b.

VIEIRA, A. C. P.; GARCIA, J. R.; BRUCH, K. L. Análise econômico-ecológica dos efeitos da mudança climática na região delimitada pela Indicação de Procedência ‘Vales da Uva Goethe’ em Santa Catarina – Brasil. **Anais VI Congresso Internacional Sistemas Agroalimentares Localizados.** Florianópolis: VI Congresso Internacional Sistemas Agroalimentares Localizados. Florianópolis: UFSC/Cirad, 2013.

VILAÇA, L. F.; SOUZA JÚNIOR, J. P.; CARVALHO, D. M.; SANTOS, A. B.; SOUZA H. B.; PIMENTEL, J. L. **Jovens agricultores e a questão da sucessão familiar: uma análise das relações de gênero.** 2009. Disponível em: <<http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R0146-3.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2014.